

CRÍTICA TEATRO | OS IRMÃOS TIMÓTHEO DA COSTA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O apagamento histórico dos pintores Arthur e João Timótheo da Costa é o tema central do edificante espetáculo. O texto de Cláudia Valli é bem engendrado, dando margens à possibilidades criativas. A dramaturga inclina-se pela trajetória desses artistas formidáveis, criando uma espécie de alter ego, pelo qual investiga-se a melancólica passagem desses irmãos pintores impressionistas no início do século XX. Os artifícios foram banidos da cultura preta nacional através do racismo estrutural que perdura até hoje.

Uma estrutura dinâmica fabula a narrativa, enquanto a própria autora constrói poeticamente e discorre sobre os acontecimentos. Os irmãos terminam internados no hospital psiquiátrico sob a direção do Dr. Juliano Moreira, psiquiatra humanista e avesso à teorias racistas.

Luiz Antonio Pilar, conduz com talento e sagacidade todas as funções que perpassam seu espetáculo, gerando um dos melhores da temporada carioca. Marcas fluidas que dão movimento, criando cenas memoráveis com suspensões de tirar o fôlego, emociona e coloca seu elenco num diapasão pouco visto. A encenação impõe uma teatralidade, pela qual somos seduzidos todo o tempo. Numa estética irretocável, o diretor potencializa o drama e investe em detalhes mi-



Kessis Sena/Divulgação

Musical dirigido por Luiz Antonio Pilar resgata a trajetória de pintores precursores do Modernismo Brasileiro que foram esquecidos pela Semana de 22

Pintura de Pilar

nuciosos, como um Rembrandt, que influenciou futuramente os impressionistas.

Os atores Jeniffer Dias, Luciano Quirino e Pablo Áscoli estão atentos ao jogo, nada é desper-

diçado. Todos em perfeita sinergia, com destaque para Sérgio Kauffmann, que filigrana seu Arthur com extrema sensibilidade, imbuído em voltagens díspares, nas quais percebe-se a destreza

de seu talento. A cena em que a personagem está hospitalizada é primorosa, onde o intérprete esvazia-se, em acertadas pausas dramáticas. Lucas Da Purificação desenha com propriedade seus

papéis, com pitadas de humor em ótima expressão vocal.

As telas transparentes da cenografia de Cachalote Mattos deslizam pelo palco, viabilizando projeções deslumbrantes, além de propiciar a incidência da luz barroca de Daniela Sanchez, que estabelece uma profusão de luz e sombra, favorecendo a dramatização. Rute Alves opta por uma sofisticação em apresentar uma indumentária fidedigna do século passado, mesclando figurino atual. A direção musical com composições originais de Muato é a pincelada final para que o quadro de Pilar pudesse ser exposto. Há uma criatividade potente nas letras, equalização nos vocais, proporcionando mais beleza e encantamento.

“Os Irmãos Timótheo da Costa” é mais uma vez um grito que precisamos registrar para que, urgentemente, nenhum ser humano venha a ser repudiado pela tonalidade da sua pele. A abolição da escravatura no Brasil ocorreu em 13 de maio de 1888, mas ainda há uma parcela (humana?) que insiste em valorizar preconceitos fabricados por almas que, naturalmente, não terão tintas suficientes para colorir o seu próprio quadro da felicidade.

SERVIÇO

Teatro I do CCBB (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)
Até 19/4, quinta a sábado e segundas (19h) | domingos (18h).
| Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Peter Wrede/Divulgação

**Ripley, o infiltrado**

Hugo Bonèmer protagoniza a versão brasileira de “O Talentoso Ripley” em cartaz no Teatro Glauco Gill até 27 de abril. Na trama, Tom Ripley é um jovem invisível em Nova York que se infiltra no cotidiano luxuoso de Richard Greenleaf, vendo na fortuna da família a chave para a vida que sempre desejou. A adaptação teatral é de Phyllis Nagy, baseada no romance clássico de Patricia Highsmith, que também recebeu versão para o cinema estrelada por Matt Damon e Jude Law, que recebeu cinco indicações ao Oscar em 2000.

Carolina Calcavecchia/Divulgação

**Esperando Hamlet**

O solo “Duvido”, em cartaz até domingo (12) no Teatro Municipal Café Pequeno, reflete sobre insegurança em um mundo que valoriza confiança e determinação. Na trama, uma atriz aguarda Hamlet enquanto o palco se transforma em aeroporto, casa e pensamento. Entre malas, voos e dúvidas, a peça percorre histórias de infância, maternidade, amor, medo, luto e desejo, costurando textos de Shakespeare com temas atuais. Em diálogo com o público, a personagem cria um jogo entre hesitação e certeza, entre o ensaiado e o vivido.

Vida Fodona/Divulgação

**Tempo e transformação**

Hortência volta à cidade natal em busca do que ficou suspenso. Hélio, que nunca partiu, é dono de uma rádio local. Este é o fio narrativo de “Temporal”, em cartaz no Teatro Poeirinha. Entre movimento e permanência, os dois personagens revelam modos distintos de existir enquanto a cidade aguarda um temporal. Passado, presente e futuro se sobrepõem num drama sobre vínculos, tempo e transformação. Idelaização e atuação de Giovanna Nader e Vito Fragoso, da Cia do Agora, e direção de Marco André Nunes. Até 26/4.